A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

NUMERO 21 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO *ilustrado*

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Portugal vae ter uma esquadra!

Assim o disse o Sr. Ministro da Marinha. Um enorme sacrificio se impõe á Nação, para que, finalmente, Portugal possua uma marinha de guerra digna da sua situação de grande potencia colonial e maritima, e dos seus homens de mar. Todos os portuguezes se deverão sentir felizes no dia em que estes barcos cruzarem, com a nossa bandeira, a barra de Lisbôa!

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 21

LISBOA 7 DE JUNHO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má lingua

A VOZ DA EXPERIENCIA...

Contei a um velho amigo cá de casa,
(—general reformado, ou coisa assim—)
num tom de «blague», que te arrasto a aza
e que não tens nenhum amor por mim.

Disse-lhe que és nervosa, desegual,
que dizes mal das outras... (Se eu o digo,
juras que os homens pensam só no mal
e andas trez dias sem falar comigo)

Disse-lhe a crueldade persistente
com que iludes, sorrindo, o que eu pergunto:
—que, se fallo de amor, tu sabiamente
disfarças, e te embrenhas n'outro assumpto.

Disse-lhe que tens «cão», e que és bonita,
—sendo mais fria que um olhar inglez,
—pois se me digo triste achas que é «fita»,
e se me mostro... finges que não vês.

Contei-lhe que fizeste o que pudeste
para incendiar um fogo de paixão:
e depois, nem a um trapo que não preste
se faz o que fizeste a um coração.

Pintei-te como um caso original;
e, invocando a experiencia, o ex-alferes
volveu-me num sorriso paternal
que eras egual a todas as mulheres...

Todas?! — Calei-me; e só depois, — que queres,
nem sempre surge logo uma resposta —
eu percebi que «todas as mulheres»
são... a mulher de quem a gente gosta.

TAÇO

écos

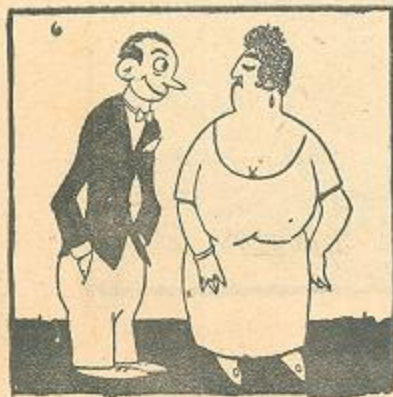
DEVE reaparecer em 15 d'este mez, o nosso colega «Correio da Noite», que, em virtude do assalto de que foi vitima e para escapar á ação que o governo exerceu contra a imprensa, tem estado suspenso.

Continuará com o maior desassombro e independencia, defendendo a sua politica.

A sua colaboração será escolhida e notavelmente melhorada.

SAIU o 2.º numero do explendido magazine «Europa», que é uma publicação que honra sobremaneira a imprensa portugueza. Apresenta-se explendidamente colaborado, sendo, decerto, o primeiro «magazine» mensal português.

Desejamos-lhe longa vida.

COEFICIENTE DOIS

—O pae ancioso: Foi menino ou menina?
—A parteira: desgraçado, foram dois...

questão prévia

MAIO, o florido e rosado Maio, que á minha imaginação aparece sempre com as feições bochechudas daquele menino, que Castilho e outros poetas coimbrões do tempo endeusaram na Lapa dos Esteios, coroado de rosas, numa improvisada festa pagã de louvor á primavera; Maio, mês de Venus e mês de Maria, que dantes decorria entre trovoadas e sorrisos, foi este ano um Maio falsificado como qualquer genero alimenticio, carrancudo como um Dezembro, desabrido como um Fevereiro.

E torvo, e triste e ensombrado de nuvens, vai decorrendo tambem este Junho das calmas noites, em que se acendem as fogueiras votivas dos santos populares e em que o verão ardente e sazonador faz a sua entrada oficial, a sua entrada de calendario.

Por força do habito, demandando ainda o nosso porto os vapores carregados de turistas, que desembarcam de nariz no ar, á procura do doce ceu azul da primavera peninsular, para logo recolherem a bordo, arripiados e espirrando. As cassas ligeiras da «miss» romantica, os brancos sapatos da scismadora «fraulein» sentem-se deslocados neste clima que o Bædecker e a Propaganda de Portugal garantiam como ameno e inefavel.

Para quem apelar, senhores? Quem nos restituirá a primavera de outros tempos? Não quererá o nosso ilustre colega «Diario de Noticias», de tão uteis iniciativas, promover, á maneira do que está fazendo para as estradas, um congresso de temperaturas, donde saia um plano de restauração das estações?

Porque, aqui entre nós, eu estou convencido de que, por não termos mais nada que estragar, fomos nós quem estragou o clima.

A semana passada não se assinalou por factos que se recomendem ao comentario jocoso, antes pelo contrario tristemente a marcaram, entre as outras semanas, duas vidas ilustres ceifadas: João Chagas e Eduardo Brazão.

Dois nomes que a morte fez ligar, mas que a vida trouxe sempre apartados, porque cada um deles por distintas razões se celebrisou, um aureolando-se no campo da politica, o outro no da arte scenica.

E no entanto esses dois homens tiveram na vida alguns pontos de contacto: ambos foram artistas, Chagas na palavra escrita, Brazão no expressionismo complexo da scena; um, como politico teve por vezes de ser actor, e o outro, como actor, teve quanta vez de ser politico, na politica de bastidores que não é menos enredada do que a outra.

Fez a morte ligar os seus dois nomes e como ambos foram a enterrar no mesmo dia a ambos ainda a morte nivelou, perante o leviano esquecimento dos vivos, porque nem João Chagas nem Eduardo Brazão—se é que os mortos podem sentir!—se sentiriam carinhosamente despedidos na partida para a viagem de que nunca mais se volta, nunca mais...

* *

Reabriu o Parlamento. No primeiro dia, nos Deputados, o comedimento duma sessão de homenagens funebres, mas arrumados os mortos nas prateleiras da acta, com as respectivas etiquetas dos votos de profundo pesar, toda a fogosidade contida fez explosão ao segundo dia, em discursos e apartes violentos.

Donde se conclue que para haver tranquilidade no seio da representação nacional é preciso que os homens ilustres se deixem morrer

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

O pioneiro das neves

A ancia causada pelo subito silencio glacial que se fez sobre o vôo em avião de Amundsen ao polo, cresce com cada dia que passa, e tem mostrado como a solidariedade humana e a scientifica não são palavras vãs; pois, apezar de ter o proprio Amundsen recomendado que, no caso de não receberem novas a seu respeito, só iniciassem quaesquer pesquizas quinze dias depois da sua partida de Spitzberg, isto é a 5 de junho, já varias expedições se teem organisado, sem receios perante a aza da morte que plaina no mundo das neves.

Uma das mais interessantes e dedicadas é a do Dr. J. Charcot, a bordo do «Pourquoi pas?...»

Sabe-se que todos os anos este navio, de construcção especial, realisa um cruzeiro scientifico. Pois este ano quiz o destino que ligasse a sua missão scientifica á humanitaria de procurar salvar uma autentica gloria de humanidade como é Amundsen.

Um incendio subterraneo

Num pictoresco recanto da provincia franceza está-se dando um fenomeno singular que já chama as atenções dos homens de sciencia.

E' no «Aveyron». Ha pouco começou-se a notar que a superficie d'uma vasta região d'essa parte da França ardia, e ardia a ponto de ninguem poder pisar-lhe o solo. E cada vez foi ardendo mais, surgindo pouco depois da terra espessas fumaradas com corrimentos dum oleo de cheiro desagradavel.

E o fenomeno tem-se mantido.

Parece tratar-se dum incendio subterraneo produzido em algum vasto lago de petroleo oculto e desconhecido.

Se assim fôr, é uma verdadeira fortuna que está a arder.

Um extranho funeral

Na America até nos funeraes, e no crime, surge o cunho do «americanismo».

Ha dias realisaram-se em Chicago os funeraes de Angelo Genna, o «rei dos bandidos», porque na grande republica norte-americana até os bandidos teem um «rei».

Pois realisaram-se os funeraes do celebre «rei», e o acompanhamento compunha-se d'uns 20.000 ilustres «colegas», ou ilustres «subditos» como quizerem

Note-se que o «monarca» falecido levava na consciencia mais de 20 autenticos assassinatos!...

E nesse longo cortejo figuravam mais de 30 automoveis, carregados de grandes ramos de preciosas flôres.

Não se pode queixar de ingratidão por parte dos seus vassalos, o ilustre Sr. Angelo Genna...

Um congresso de... lacrimosos

Em Glasgow, na Escocia, devia efectuar-se um congresso comunista.

Eis que então dois jovens, muito delicados e de boas maneiras, procuram os seus organisadores, e emquanto um deles bota palestra, o outro consegue botar por todos os recantos da sala destinada aos vermelhos discursos grande porção de pós lacrimejantes.

E no congresso não se fez outra coisa do que chorar!

Em compensação os dois divertidos rapazes muito se devem ter rido.

SPECTATOR

comentarios

Arthur Ayres

Este distincto «sportsman» a quem nos referimos por uma forma pitoresca numa reportagem desportiva ha já alguns numeros, manifestou por esse facto a amigos comuns a sua estranhesa. Sendo amigo e assignante deste jornal desde o seu primeiro numero, o Sr. Arthur Ayres não deve ver nessa referencia nenhum sentindo pejorativo, que seria descabido e injusto, porquanto, pelo contrario, a sua atitude de entusiastico desportista e o seu espirito moderno, só nos são simpaticos. Ahi fica a retificação que tem o valor de nos não ter sido pedida.

novidades

Abriu o «Teatro Novo» a primeira «boite» que se construiu em Portugal. Apesar do arrojo modernista da sua apresentação, constituiu um inegavel sucesso para a geração moderna, aquela que teima em querer viver tambem neste desolado país de ruinas que vive ao sol, a coser os remendos do Passado.

E' no entanto triste de verificar que espiritos cultos e pessoas inteligentes—se deixem viciar pela impenitente «blague» nacional, perdendo aquele aprumo de critica e aquela consciencia de visão, que existe em todo o mundo, nas pessoas que tem a responsibilidade de orientar.

Tudo morre em Portugal afogado am «chiste» apesar de sermos iniludivelmente os homens mais sensaborões do mundo.

telha

Foram ha dias julgados oficiais e soldados que tentaram um golpe de estado—que aliás se limitou a um simples numero de Coliseu, executado sem rede nos telhados do ministerio da Guerra. Os oficiais pretendiam derrubar o governo e dissolver o parlamento, tal como os homens do 18 de abril—simplesmente não conseguiram mais do que partir telhas. Foram por isso soltos e absolvidos—mas a verdade é que cada vez se percebe menos o que seja a ideia de disciplina, constituição, justiça e ordem—palavras dum largo valor decorativo mas profundamente «démodées».

imprensa

Recebemos entre muitas publicações de que não nos é possivel acusar a recepção as belas revistas «Labareda» que se publica no Porto e que é notavelmente redigida por A. de Figueiredo, João Ameal, Pinheiro Torres, Joaquim Lopes, Angelo Cesar, Horacio Castro Guimarães, Morais Gomes, V. Rodrigues, etc. etc. e «De Portugal» excelente revista mensal que se publica em Lisboa e que traz colaboração de Reinaldo Ferreira, Osorio de Oliveira, Paço de Arcos, Rosa y Alberty, etc. etc.

Desejamos-lhes longa vida.

COMPRESSÃO

— Já sabes que se diminuiram as horas de trabalho.
—Não, o que augmentou foi a barriga.

Manual do Perfeito divertido

MUITA gente lastima não haver em Lisboa quaesquer divertimentos, onde uma pessoa de bem, possa dar largas á desopilação figadal, passando umas horas de amena alegria.

Ora não é tanto assim, como dizia Scipião deante dos muros de Carthago.

Lisboa tem as suas graças, os seus caranvasarás de alegria, as suas cavernas de bom espirito. Ponto está em procural-as. Não nos faz falta um «Luna-Parque» ou um «Wintergarden». Por toda a parte pode qualquer mortal encontrar um par de horas alegres e, á falta de outras, aqui tem o leitor algumas para a colecção, e bem assim, a maneira pratica de as utilisar:

O chá das cinco

O chá das cinco é uma bebida em prosa que se faz na Garrett, na Marques, ou na Ferrari.

Para se fazer essa brincadeira, escolhem-se dois parceiros e duas parceiras, abanca-se em qualquer das casas apontadas e fingem os quatro que estão muito aborrecidos. Depois chama-se um creado e diz-se:

—Traz chá!—(deve-se tratar o creado por tu para se parecer bastante fino).

Deita-se depois nas chicaras, chá, leite, agua quente e assucar, fazendo assim uma especie de bebida muito apreciavel para deitar fóra. Logo que esta primeira parte da brincadeira está prompta, diz-se mal das pessoas que estão nas mezas mais proximas, comem-se uns bolos horriveis e dizem-se trez caixotes de asneiras sobre arte, litteratura, corridas de cavalos e maquinas fotograficas. Passada uma hora os parceiros pagam a despesa e vão-se embora.

Esta brincadeira é muito divertida mas para ser mais bonita, convem evitar os seguintes precalços:

Não trincar com força os pasteis com creme, porque este pode espirrar, e não

é distincto sujar as calças nem as caras das outras pessoas.

O chá deve ser mexido com as colheres e não com os dedos.

Os guardanapos que acompanham o serviço, não devem ser metidos na algibeira, porque o dono do estabelecimento tem-n'os sempre contados.

A agua que vem juntamente com o chá, não é para lavar as chavenas como muita gente póde supôr.

Casas para alugar

Esta gracinha tambem tem muito espirito.

A pessoa que se quizer divertir desta maneira, compra um jornal da manhã, marca com uma cruz os anuncios onde vê «Casas para alugar», compra n'uma farmacia dez litros de cloroformio e duas caixas de paciencia, e principia a brincar da seguinte maneira:

Trépa até um quinto andar indicado n'um dos anuncios e bate á porta. Pergunta a quem aparece se ali é que ha uma casa para alugar e se é, quanto custa e qual o trespasse.

Se a resposta é de dois contos para baixo, o divertido cheira um pouco de cloroformio e vae-se embora, se é de dois contos para cima esfrega as fossas cervicaes com a pomada («A paciencia é boa para a vista» (a) Pasteur) e vae para o cubiculo onde móra, dizer á familia que isto de casas só as do colete é que são acessiveis, a quem não nasceu com geito para salteador.

E' conveniente, quando se brinca com estas coisas, telefonar para a Cruz Vermelha dizendo-se qual o itenerario que se vae fazer, porque já se teem dado casos mortaes.

Cortar o cabelo

Para se conseguir este divertimento é preciso, primeiro que tudo, possuir algum cabelo na cabeça. Consegue-se esse *desideratnm* evitando a calvicie, o que é extremamente facil, pois basta não usar qualquer dos ingredientes que se vendem para fazer nascer o cabelo.

A pessoa que se quizer divertir por aquela forma, entra n'um barbeiro, e senta-se á espera da vez, que quasi sempre dá tempo a que o cabelo cresça.

Para se entreter, vae ouvindo o que dizem os outros, ou contando quantos cabelos estão pelo chão.

Se vê algum dos outros cavalheiros com a cara a arder por causa d'um golpe que apanhou, levanta-se, agarra nas barbas e vae pôl-as na bacia da agua. Se não tiver barbas, pergunta onde é o Hospital mais proximo e assenta para não se esquecer.

Quando chegar a sua vez (ha quem tenha esperado tanto tempo por ela, que quando se senta na cadeira do barbeiro e se vê ao espelho, julga que vê o avô) a pessoa senta-se na cadeira, deixa que lhe metam pelas costas abaixo a roupa branca que o barbeiro quizer, e começa tendo arrepios na espinha com o frio que a maquina lhe faz no pescoço. Se não tem em que pensar pode adormecer, mas se não tiver corpo para dormir fóra da cama, poderá lêr os «Luziadas» até que os saiba de cór, quando acabar a brincadeira.

Se a pessoa é d'aquelas que fazem a barba no barbeiro, deverá em seguida sujeitar-se a que lhe esfreguem a cara com sabão e ainda a que lhe ponham as bochechas em papel quadriculado á força de navalhadas. Se pertence ao *time* dos que fazem a operação ao levantar, com *gillete* ou com outra qualquer força mecanica, paga ao mestre e raspa-se para ir tomar um banho geral e outro particular.

Pedir dinheiro emprestado

Este divertimento é muito usado por ser extremamente simples e de resultados garantidos.

A pessoa que se quizer divertir d'esta maneira, procura encontrar um amigo, faz de conta que tem uma grande alegria com isso e depois conta-lhe uma historia triste.

Eis tres historias que a pessoa poderá dizer e de que garanto o resultado, quando ditas com bastante emoção e sinceridade.

Uma pessoa de familia sentiu a necessidade imperiosa de vêr um pão de farinha para analizar como era. Correu todos os museus, casas de antiguidades, foi seis mezes seguidos á feira da Ladra, escreveu a alguns arqueologos,

fez escavacações nas ruinas do convento do Carmo, mas não conseguiu encontrar o mais pequeno signal. Deliberou endoidecer e agora tem de ser internada n'um hospital. A hospitalisação custa duzentos mil reis. E' a ultima caridade que se faz, a mais um martir da sciencia.

O amigo empresta os duzentos mil réis com certeza.

A mãe da pessoa que deseja divertir-se, entrou para a plataforma d'um electrico da Estrela. Quando o carro chegou em frente do jardim, sahiram do vehiculo quatrocentos e oitenta e duas mil pessoas. Entre elas não estava porém a mãe da pessoa que conta a historia. Prometeram-se alviçaras, foi participação para a policia.

Ao fim de cinco dias de pesquizas, a pobre velha foi descoberta debaixo do calcanhar do guarda-freio, em adeantado estado de esborrachação. E' preciso fazer-lhe o enterro, que custa quinhentos mil reis.

O amigo, a tal ponto enternecido dará os quinhentos e mais cem para a corôa.

Uma filha da pessoa que se diverte, entrou na livraria «Portugalia» e foi acometida, por contagio, de doença subita. Levada ao medico este diagnostica uma *Versoalite-Letargica*. A pequena padece que faz aflicção. Todos os dias vomita dez a quinze sonetos e está em vesperas de fazer um alexandrino, profetisando-lhe o medico um livro, se a pequena não faz uma imediata operação do trepano.

O pae aflito com o exemplo das sr.as Dona Beatriz Delgado, Dona Virginia Victorino, Dona Oliva Guerra, Virginia Madeira, Beatriz Arnud, etc, etc, etc. etc, etc, etc, quer sujeitar a rapariga á operação, mas não tem dinheiro.

O amigo dará o dinheiro da melhor boa vontade e se for afeito ás letras, põe capital á ordem até se completar a cura.

Qualquer d'estas tres historias, como já disse, são absolutamente garantidas, principalmente a ultima que, alem de util para quem a usar, traz um enorme bem á humanidade.

Henrique Roldão

Sports

BOX

UMA «SOIRÉE» NO COLISEU. A «NOBRE-ARTE» ENTRE NÒS É UMA VERGONHA

Triste sorte a de Portugal, em coisas de «sport»! Emquanto nos outros paizes qualquer manifestação desportiva é cuidada e dirigida de forma a conservar-se ao nivel das camadas superiores, nesta bemdita terra, o primeiro cuidado das organisações é fazer fortuna, servindo para isso qualquer coisa, desde que chame as mais baixas classes do povo, classes que, longe de irem aprender, pelo contrario são exploradas nos seus instintos mais grosseiros e, por isso mesmo enchem as casas á cunha.

Digo-o com plena convicção: O «box» entre nós é um «sport» morto, servindo apenas para os poucos escrupulosos ganharem uns mil reis e para que o bom nome do sport seja enlameado torpemente.

Nas organisações não se olha outro fim mais do que encher a geral, essa geral que exulta com o sangue correndo, que insulta um jogador que «esquiva». que se mete nas atribuições do arbitro, que faz um. «Oh»! estupido e alvar quando um jogador se refaz e que insulta os contendores que não batem á tôa, numa estulta maneira de jogar a pancada,

E porque é assim? Porque é que o publico está cada vez mais estupido em coisas de «box»? Porque só vê «Augustos» e «Faustinos» e «Camarões» ganhando porque isso é do contrato e, por casualidade aparece alguem que «joga» o «box» já sabe que se, não perder pode muito facilmente ser desfastiado pela multidão! Culpa de quem, toda esta ignorancia? Dos organisadores, que não teem pejo de atirar para o «ring» com o primeiro bruta-montes que aparece, embora de box saiba tanto como de latim!

Mas, para que serve então a Federação Portuguesa de Box? Para que presta esse juiz que aceita todos os profissionaes que aparecem e consente que em seu nome se jogue á pancada sobre um «ring» dizendo-se que é «box»?

Senhores da Federação, ao menos não colaborem n'essas vergonhas! Ao menos dissolvam a Federação. Não existindo essa coletividade, não teem V. Ex.as a grave responsabilidade de concorrerem para as degradantes exibições como a de quinta-feira passada.

* * *

Eis os resultados dos combates (?).

1.º—Albano Martins, um profissional quasi campião que, em qualquer paiz não poderia sequer uzar o nome de «boxeur», dadas as suas faltas de qualidades, desportivas, vence por desistencia de Taveira que, revela algum feitio, mas que ainda não está em estado de combater ante o publico.

2.º—Kid Augusto, outro profissional que nada percebe d'aquilo e que é um dever de humanidade afastar do «ring» e só consentir na sua exibição depois de mostrar algumas qualidades e fortemente batido por Piotin, um francez de categoria inferior mas de qualidades combativas.

Nestes dois combates, não houve um unico sôco! Não foram dois «matches», foram duas desordens! Mas, principalmente no segundo, o publico exultou, riu-se, gritou... e prometeu lá ir novamente.

3.º—Anibal Fernandes o unico porguez com alguma escola de box é vencido aos pontos por Mario Gal que me pareceu em forma inferior, pouco comtivo e sem sôco.

Anibal sabe um pouco de «box», tem talvez um pouco de medo, mas bate-se com brilho e, como disse, é para mim o unico pugilista digno d'esse nome, entre nós.

4.º—Santa, um mastodonte que podia com muito mais vantagens empregar a força que tem em qualquer coisa mais util é dado como vencedor de Mellieu um francez cançado, sem grande jogo mas que deu alguns socos.

O publico neste combate delirou e justo é confessar que Camarão está para o publico como o publico está para Camarão. Simplesmente. em nome do «Sport nacional», em nome dos sãos principios da honestidade desportiva, em nome da higiene do «sport» não se deve consentir que esse homem suba por emquanto ao «ring». Combates d'aquelles aviltam o bom nome de uma classe... embora a geral esteja á cunha!

CROCHET

O SPORT HIPICO

Tres fazes do grande Concurso Hipico de Palhvã e que representam os distintos cavaleiros: Morais Sarmento no «Moineau», Bento França no «Douro» e Luiz Margaride o grande vencedor da «Prova Nacional» no «Fop».—(Clichés Raul Reis)

TAUROMAQUIA

O Sr. José Luiz Ribeiro (Pepe Luiz) nosso antigo critico e que acaba de publicar um livro que produziu grande sensação: Cañero nunca existitiu.

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

São estes, por emquanto, os tres jogadores mais votados.

Dezenas de votos entram diariamente na nossa redacção, ora por Francisco Vieira o formidavel guarda-redes, ora para Jorge Vieira o grande defesa nacional, gloria do foot-ball lusitano.

Quem vencerá?

Para que Club irá o nosso premio para o jogador mais correto e elegante do grande sport?

Damos hoje mais alguns votos, e pedimos desculpa de não dar mais, mas a isso obriga a falta de espaço.

Em Jorge Vieira, votam:

Ayala Boto
Silvino Ivo
Carlos Ivo
José de Matos
Maria Ignês Marques
Arlete C. Martins
Joaquim Marques
João Marques Junior
Luiz Fonseca
Fernando da Conceição
Capitão Carlos Ornelas

No proximo numero daremos alguns eleitores de Francisco Vieira.

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito: ....

Eleitor: ....

Cinemas, teatros e circos

O nosso concurso teatral

QUAL É O POETA QUE GANHOU O PRIMEIRO PREMIO?

QUE SE ASSINA SOB O PSEUDONIMO «JOÃO».?

Entre as numerosissimas poesias recebidas neste jornal e destinadas ao nosso concurso teatral recebemos uma, assignada pelo pseudonimo «João» a qual foi escolhida pel Jury, composto dos ilustres poetas os Ex.mos Senhores, Gustavo de Matos Sequeira, Americo Durão e Thomás Ribeiro Colaço, como sendo a mais interessante e portanto a merecedora da nossa homenagem e do respectivo premio. Não sabemos ainda quem seja o incognito vencedor e por este meio lhe solicitamos se digne dizer-nos o seu nome. A poesia premiada, que é feita com notavel graça e frescura de rima é como segue:

Por do concurso estar fóra
Da Stichint eu nada digo
Nem qual a razão.
(O Costa Carneiro agora
Dizem que a leva consigo
P'ro nacionnl do Japão).

Da Rei Colaço não falo
Com pena porque é de estalo,
Mas é de estalo . . . do marido;
E a Auzenda só se um engano
Mudasse a data do ano
P'ra antes de eu ter nascido.

A Lucilia Simões Braga
A quem o talento afaga
Talento, sorte e mais tudo,
Para o meu voto ir p'ra ela
Como é Braga e como é estrela
Só vendo-o por um canudo.

Estas e as outras no entanto
Todas teem o seu encanto
No palco ou intimidade,
Quanto a mim segundo noto
Apenas possuo um voto
Que não é . . . de castidade.

JOÃO

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rata plan» com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

noites de primeira

TEATRO NO ÔVO

ou tentativa simpatica de "Knoch-out" numa "carrosserie" da SIC vestida de capa e batina.

O teatro no ôvo de José Pacheko, chocado ha alguns meses a esta parte, abriu, não sendo preciso quebra-lo como se fez constar. Subiu á scena «Antonio ou o triunfo dos novos» peça que vinha precedida de grande fama e que vamos, com a luneta côr de camarão da sala, tentar reproduzir.

O primeiro acto representa o senhor Antonio Ferro completamente de casaca, tendo na sua frente uma bôa meia resma de almaço ou seja o «processo-crime» como lhe chamou, de ter querido fazer o teatro—ôvo.

O senhor Antonio Ferro chama coisas muito feias a todos os que o atacaram, mas diz depois que nada daquilo é com o senhor Avelino de Almeida nem com o senhor Nobre Martins, e eles—acreditam mesmo. Cae o Knock, ou quer dizer, cae o pano onde está escripto «Knock», e aparece depois tudo preto, o Joaquim de Oliveira de oculos, Luz Veloso, que ressuscitou do terramoto do Chiado Terrasse, e o Gil Ferreira que anda ali a habituar-se a abrir teatros, alem dum automovel e de algumas malas com remendos de varias côres.

Conversam sobre alguns casos escuros e por fim todos dizem que o automovel anda ou faz de conta e cae o pano.

No segundo acto que se passa num gabinete bastante anatomico o Joaquim de Oliveira tem ocasião de provar que a Amelia Rajanto tem as miudezas avariadas e que todos os outros actores tem evidente prisão de ventre. Todos representam bem, com a tranquilidade que dá o dever cumprido e a certeza de que pelo menos o «Diario de Noticias» não dá pancada.

No 3.º acto que se passa num hospital-hotel, percebe-se pelo numero de urinas que ha a analisar, que o movimento é grande. Entra o Gil que vem dizer que em virtude do Gymnasio estar ainda atrazado, não se importa de fazer uma peça, mas que o Oliveira tem que se raspar. Este diz que agora só se fôr por dinheiro, e que se perdeu o Porto têm que o indemnisar. Então pucha uma tirada sobre o seu talento e tenta convencer o Gil a arranjar-lhe um contracto para o Gymnasio. Este chama-lhe parlapatão, e está quasi para lhe bater quando nisto sente doer-lhe a barriga—o que justifica perfeitamente o triunfo da medicina. Aqui acaba o terceiro acto. Ha muitas palmas, todos agradecem comovidamente e com medo que o Nobre Martins surja de repente de varapau na mão á procurar motivos para brincar aos polemistas-tezos, o Ferro lá dentro projecta a abertura de outro teatro ainda mais novo e mais caro e a Regina lastima-se de estar guardada para aquilo.

O Ricardo Jorge e o Lino combinam então a data para abrir o Teatro em «cabaret» porque o «Knoc» não dá vintem e o Pacheko diz ao Ferro que, como o Pirandelo está na móda, talvez fosse bom eles fazerem a seguir uma pirandisse ao que o Lino argumenta que cento e quarenta contos já chega para brincar aos teatros.

Florencio aparece no quarto, com uma mão na algibeira e semi-nú. Como o senhor Governador Civil não está, o bailarino dança em pontas, e a tourada anunciada fica em cortezias.

ANDRÉ GODIM

VAMOS TRATAR

Grafologia

A SERIO

cá por dentro

—A segunda peça a subir á scena no Teatro Novo será a comedia «Chacun sa verité» de Pirandelo, Esta peça será ensaiada por Gil Ferreira e os scenarios serão de José Pacheco.

—A futura epoca de inverno no Apolo, será explorada pela companhia Alves da Cunha.

—Eduardo Malta está já pintando os scenarios para a peça «Amoreuse» em ensaios pela companhia Alfredo Cortez.

—Foi contratado para o Eden-Teatro o actor Soares Correia.

—A companhia Satanela-Amarante irá no verão de 1926 ao Brazil.

—Foi contractado para o Salão Foz o actor Antonio Gomes (da Trindade).

—No futuro inverno, Maria Matos e Nascimento Fernandes, fazem parte de uma companhia de comedia e farça.

—O actor Antonio Melo está em Portalegre (Brazil) estabelecido com uma loja de perfumaria.

—E' o actor Alvaro d'Almeida quem faz o «compere» da revista «A cidade onde a gente se aborece» em ensaios no Eden-Teatro

"De Teatro"

Deve ser posto á venda depois de amanhã o numero 32 da brilhante publicação revista «De Teatro», que insere alem da peça os «Naufragos» uma admiravel reportagem fotografica da «Severa», da «Aigrette», e um excerpto de sensação: algumas paginas do sr. Presidente da Republica, tiradas da sua peça «Sabina Freire», além das actualidades graficas referentes ao enterro Eduardo Brazão.

Como se sabe, o sr. dr. Mario Duarte, por parte deste explendido magazine deu-nos a sua adesão á festa do «Domingo Ilustrado» e não usou da palavra por ter de se retirar antes do brilhante entre-acto do S. Luiz.

LEIA NA PAGINA 8

SENSACIONAL FOLHETIM HUMORISTICO DAS

Memorias duma "divette"

POR

ANDRÉ GODIM

ONDE PASSAM TODAS AS FIGURAS DO TEATRO PORTUGUÊS

S. Carlos — Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico e toda a companhia.

S. Luiz — Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos. Grandioso exito de arte e elegancia.

Salão Foz — As maiores atrações de Music-Hall.

Avenida — Espectaculos pela companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

Politeama — Os velhos grande sucesso de toda a companhia Rey. Colaço-Robles Monteiro.

Trindade — Capital Federal—feeries e revistas, sucesso grande. Cremilda e brilhante grupo de artistas e coristas.

J. Almeida — A «Severa com Palmira. Colossal exito.

T. Novo — «Knook ou a victoria da medicina. O maior sucesso.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

EU ia muito, como jornalista amigo, visitar o saudoso padre Joaquim Oliveira, que foi o maior criminologista de creanças que tem havido em Portugal. Passei com ele manhãs inteiras na cerca da Tutoria, a ver pular os rapazes nas horas de recreio, e não raras noites liamos os dois os ultimos livros que do estrangeiro nos vinham sobre esse assumpto que fora a paixão de todas as horas da sua vida—os menores delinqüentes.

Punhamo-nos os dois a caturrar, e ele ia buscar exemplos e historias, os mil casos que a sua vastissima cultura e a sua longa e sabia experiencia lhe fornecia.

* * *

O caso que se segue, e que eu escolhi para entreter hoje os leitores de «O Domingo», é exato, e decerto ainda o pessoal da Tutoria se lembrará do seu protagonista.

Tem o episodio um sabor de pitoresco e de ternura que talvês, nestas horas monótonas de domingo, consiga fazer chamar a atenção de alguns descuidados—agora que a creança portuguesa esteve em fóco—para esse magno problema dos criminosos precoces. Apenas oculto os nomes em obediencia á lei.

* * *

Nessa manhã eu fôra, como tantas outras, desde a casa do Padre Oliveira, no Refugio, ao topo das escadinhas de S. Crispim, até á Tutoria. Metendo a Santo André e aos Quatro Caminhos fomos os dois a divagar por essa clara manhã dum domingo de sol e entramos quando os garotos, na cerca, jogavam como inocentes internos dum colegio um inofensivo foot-ball.

Eu e o bom padre sentamo-nos á sombra duma trepadeira, numa pedra

tosca, e os pequenos no entusiasmo do jogo nem davam por nós. Nessa manhã faláramos muito sobre um problema em que estavamos sempre em desacordo. Dizia o meu amigo invariavelmente, contra a teoria classica de Lombroso que todas as deficiencias sentimentais e moraes não acusavam estigmas exteriores. E ei-lo que ria dos que chegavam a achar caracteristicos faciais para marcarem determinadas tendencias. Assim os parricidas, os fratricidas, os larapios natos ou kleptomanos e os simples criminosos acidentais lia-os o velho sabio, claramente, na assimetria de certos musculos da face, nas protuberancias cerebrais, no angulo dos eixos longiudinais dos supraciliares e em infinitos desenhos que a sua imaginação fulgurantissima traçava sobre as palidas cabeças das creanças.

Mas o Padre Oliveira era contra isso. Que não, que havia apenas uma grande verdade popular: «quem vê caras não vê corações». A mais correta fisionomia pode esconder o maior aborto moral. E êle, que positivamente não estaria inteiramente convencido (leiam-se os seus livros) por espirito de amena polemica defendia a sua teoria, exemplificando exuberantemente, emquanto os pequenos saltavam descuidados na nossa frente...

* * *

Porque está preso aquele garoto? perguntei eu, ao ver na minha frente uma linda creança dos seus doze anos, desempenada, admiravelmente construida, com a correcção duma alegoria grega, na sua musculatura já graciosa e virilmente acusada.

—E' impossivel que este pequeno, não seja um criminoso acidental—sem antecedentes degenerados, disse eu ao Padre Oliveira, apontando-lhe o pequeno, que tomava, na defesa do seu pequeno «goal» as mais belas atitudes de nobresa e de garbo.

O Padre Oliveira cerrou um pouco os olhinhos piscos no seu sorriso fixo e respondeu com a sua voz fraca e nasalada:

—E' o maior criminoso que está hoje na Tutoria: Levou um mez a construir e a afiar a navalha com que matou a mãe...

Dei um pulo. Pois era possivel que aquela creança que seduzia pela sua belesa plastica, fosse esse abominavel monstro moral? Que misterio havia então ainda a mais nesta absurda natureza que nos cria?...

* * *

Acercamo-nos os dois dos pequenos e eu, excitado, dolorosamente surpreendido com essa revelação do meu amigo, pedi-lhe:

—O senhor deixa-me interrogar o pequeno, a sós?

—Para quê?

—Deixa ou não?

—Pois sim. Aproveite agora antes de irem jantar.

E entramos os dois na pequena sala do tribunal, semi-cerrada e fresca. Chamou-se o garoto, e o Padre Oliveira a meu pedido, não o prevenira. Disse-lhe apenas: Está ali aquele senhor que conhece o teu pai e te quere falar (o pequeno ignorava o nome do seu progenitor) e responde ao que ele te preguntar. Depois afastou-se para a sala do director, deixando-me só com o rapazito.

* * *

Porque estás preso?

O pequeno, desconfiado, vermelho, os olhos brilhantes de lagrimas retidas (a primeira reação explendida que lhe notei) fixou-me, e disse com firmeza: Porque roubei...

UMA PAGINA DE CRIMINOLOGIA INFANTIL

UM ASSASSINO DE 13 ANOS

Impressionante pagina onde passa a figura do padre Oliveira e onde se conta um caso verdadeiro e cheio de emoção passado na Tutoria da Infancia, uma pagina de sentimento, ternura e piedade.

—Porque roubaste, ou porque mataste?

—Matei, eu?!

Foi tão expontâneo, tão vivo, tão explosivo este grito, que me ergui:

—Não mataste? Que numero tens tu?

E o rapaz disse o numero que não podemos escrever aqui. Premi o botão electrico. Peça ao Sr. Oliveira que venha aqui logo que possa. O padre não se fez esperar.

—Meu amigo, não é este o pequeno que julga!

—O quê? Já chegou tão depressa a essa conclusão, disse com um sorriso levemente trocista, o velho inquiridor.

—Sim, ha um engano que é preciso desfazer já. Veja o registo; este não é o assassino.

—Garante isso?

—Garanto, respondi logo, movido por um instincto que não sei explicar. O pequeno olhava-nos com espanto, alternadamente, preplexo.

O Padre Oliveira voltou-me quasi as costas, sentou-se numa poltrona de crina negra e brilhante e disse no seu gesto familiar de coçar com o indicador a comissura do labio: Interrogue-o então...

Sentamo-nos os três.

—Diz lá porque roubaste, e o que roubaste.

—Já disse outro dia, quando entrei para cá...

—Conta tudo, desde o principio. E o pequeno, com a voz firme, os olhos baixos, as orelhas afogueadas como corais, foi dizendo, lentamente:

—A minha mãe trabalha á Ribeira Nova, na sardinha.

—Em quê?

—Lava e enfarda nas canastras, para fóra. E' logo no primeiro barracão, se o senhor fôr lá encontra-a. Nós sômos seis irmãos, andam quatro embarcados e um é mais pequeno do que eu, e andava comigo.

—Aonde?

—Por ahi, «á gandaia».

—E depois.

—Vai dahi, vai para um mês a minha mãe fez cincoenta anos, e como calhasse de estarem todos os meus irmãos, lembraram-se de fazer uma grande caldeirada a bordo da fragata do mais velho, o Luiz. Todos lhe deram uma prenda. E vai eu, tambem l'ha quiz dar. O «Manel Rocho» o dono daquelas carrocinhas encarnadas que andam ali na Ribeira, andava de richa com a minha mãe, mas eu não sabia, e fui-lhe pedir para me vender umas meias que eu lhe pagava aos poucos. Ele não quiz, e chamou-me ...Eu atirei-lhe uma pedra e parti-lhe o vidro. Depois fugi! A' noitinha, vinha eu de bordo, ele estava adormitar e vai eu dei um puchão dumas meias que estavam penduradas. Mas a regua onde estavam presas caiu, ele acordou, gritou, e um policia deitou-me a unha. A minha mãe queria pagar as meias e o vidro, mas ele por vingança não quiz, e eu vim preso para aqui...»

O padre Oliveira, pequenino, nervoso, tinha-se empertigado no «fauteuil». Um rubor subia-lhe ás faces. Mandei sair o pequeno.

Enganei-me. O assassino é aquele. E apontava-me outro garoto que passava na fórma por entre os vidros da janela. Com efeito, um rapaz tisnado, duro, angustioso, seguia no rancho. Olhou-nos obliquo e tremulo.

Tinha as orelhas notavelmente despegadas do craneo.

—Como entraram no mesmo dia fiz confusão—murmurou visivelmente indisposto o grande pedagogo.

Um, matara aquela que lhe dera o ser, acusando o mais feroz instinto sanguinario, fabricando ele proprio a navalha (o exemplar está no Muzeu da Tutoria), com que consumara o seu crime.

O outro, pelo contrario, cometera o seu pequeno delito numa ternura filial, ingenua e humana. Um, era fisicamente harmonico e moralmente regular.

Outro tinha um corpo viciado e era sentimentalmente um monstro.

Lombroso teve, nessa manhã, rasão...

O Homem que passa

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

DANIEL andava prezo da extranha fulguração que aquela mulher tinha nos olhos. Bem sabia ele que tudo aquilo era artificial, estudado, aprendido no tumultuar incessante d'uma vida morbida, sem eira nem beira, nos braços de quantos a queriam. Mas aquele olhar verde, extranhamente sinistro, prendia-o, dominava-o, fazendo-o estar horas e horas no Club, a vel-a rir com as outras, dançar com todos os que a convidavam.

Ela tinha aquele ar de louca, que todas as que vivem na balburdia, adquirem pouco a pouco. Pintava a cara desmedidamente, rasgava mais os olhos num requinte de apregoar vicio. Era bem a mulher fatal que prende e avassala, que esmaga sofrimentos a golpes de gargalhadas, que anda pelo mundo pizando corações ingenuos, e simples.

Tudo isto, Daniel adivinhava naquele olhar verde, traiçoeiro e maldito, sinistramente fulgurante, terrivelmente avassalador. E, em segredo, na doentia contemplação de todas as noites, adivinhava-lhe a carne prenha de vicios monstruosos, sopesava-lhe a alma, uma ruina de falsidades e horas crueis, e na boca, vermelha de tinta, vincada de maldade, parecia-lhe ver uma tortura constante de lascivia e crime, misturada em beijos enormes, violentos, brutaes. E novamente, uma raiva muda lhe tomava os sentidos! Ela era de todos, d'aqueles que tinham dinheiro para lhe pagar! Só ele, n'aquela desdita cruel de ser pobre, de não ter dinheiro, não a podia ter! E como uma massa pezada, a realidade da pobreza esmagava-o, aniquilava-lhe os sentidos, fazendo-o ranger os dentes, com odio!

* * *

Tinha recebido o ordenado. N'aquela noite daria o golpe decisivo!

A estremecer de emoção, sentindo mil pensamentos aguilhoarem-lhe o cerebro que lhe pezava como chumbo, entrou no Club, aquela hora cheio de luzes e ruidos.

Passou os olhos pela sala de baile. Ela lá estava entre outros, abrindo muito os olhos verdes, extranhamente fulgurantes.

Palpou as notas na algibeira. E se perdesse? Como passaria todo o mez, sem cinco reis?! A dona da casa onde morava, despedia-o concerteza! E depois? como e onde ia procurar o sustento?! Não, decedidamente era melhor pensar um pouco!

Seria uma tolice! Por uma mulher vulgar, de todos, ir assim arriscar um mez de sacrificio! Se ele nem sequer lhe havia falado, e ela, concerteza, ignorava por certo que ele existia! Não! Era melhor pensar um pouco!

Mas... os olhos d'ela, aqueles olhos extrenhamente verdes, absorventes, despedindo sentelhas desconhecidas, não o deixavam raciocinar, tomavam-lhe o socego e punham-lhe o cerebro em delirio!

Aquela boca tão pintada, tão cruel, aberta desmedidamente pelos vicios, parecia gritar-lhe de longe:

—Vai! Serás rico! Serei tua! Todos os segredos que sei, serão para ti! Sentirás nos meus braços, prazeres que não sonhas! Vai! A sorte irá comtigo! Serás rico! Serei tua! Só tua, completamente tua!

Tentou afastar-se, pensou em sahir do Club mas olhou em frente. Na sala do jogo, as «fixas» tilintavam n'um hino de festa, os «abat-jours» verdes, davam á sala um ambiente de segredo.

Automaticamente, como um fantoche, deixando-se dominar pela vontade dela, abeirou-se d'uma das mezas da roleta.

Durante minutos teve as notas apertadas na mão, sem forças para uma resolução decisiva.

Bruscamente deixou de pensar. Os numeros bailavam-lhe em frente dos olhos numa farandula de perdição. O barulho da bola de marfim rolando, vibrou-lhe aos ouvidos, a desafiá-lo. Pegou numa nota e, sem vêr, obedecendo a uma fôrça desconhecida, como um sunambulo, atirou o dinheiro para o pano verde, coberto de algarismos.

Um momento, e a nota desapareceu-lhe da vista, levada pela «raquette» do pagador.

Então abriu muito os olhos e, desvairadamente, a fronte a escaldar, os joelhos a vergarem doloridamente, foi pondo notas sobre a meza, á doida, num desvario de louco.

Quando poude afastar os pensamentos que lhe baralhavam os nervos, sentiu um desejo enorme de sair. Todas as notas, todo o ordenado do mez, tinha sido levado pela «raquette» do pagador.

Chovia. Cambaleando como um ebrio, sem poder ligar um gesto, Daniel encontrou-se na rua, ardendo em febre, com um sinistro terror de si mesmo.

Sentou-se n'um banco da Avenida a enxugar o suor que lhe punha na testa picadas de gelo. Uma voz, vinda da outra ponta do banco, lamuriou ensonada:

—Uma esmolinha pelo amor de Deus!

Um monte de farrapos agitava-se na ponta do banco. Daniel teve a impressão vaga de alguem que estava sentado junto d'ele. Olhou. Era uma velha mendiga, de olhos em chaga, que pedia esmola.

A' luz do lampeão electrico, ficou a olhar-lhe as feridas dos olhos, abertos em clarões de sangue.

A cega estendia a mão descarnada.

DA VIDA DE TODOS OS DIAS

O homem que se matou por ganhar ao jogo

Fantasiosa pagina de grande intensidade, escripta sobre um caso passado nos clubs de Lisboa, envolto em grande misterio. Descriptivo pungente e flagrante.

Daniel pensou no que tinha feito, na sua loucura por aquela mulher de olhos extranhamente verdes. Tambem ele estava agora feito mendigo, e porquê?

E uma vontade de chorar, de desfazer em lagrimas o mal que lhe roia o peito, obrigou-o a cerrar os dentes.

Encostou a cabeça ás mãos e sentiu um amargôr salgado na bôca. Atravez as lagrimas que lhe embaciavam os olhos, Daniel viu a sua triste sina! Quem sabe se o gerente do banco, sabendo-o agora jogador, não lhe daria a demissão do emprego!? Que ia ser d'ele? E, na escuridão da noite, por entre a negrura do seu crime, parecia-lhe ver brilhar, na extranha fulguração de sempre, aqueles olhos verdes, causadores d'aquela hora, tão terrivelmente dolorosa.

* * *

Não soube quanto tempo assim esteve. Quando levantou a cabeça, sentiu o rouquejar cançado de alguem que dormia. Olhou. Era a cega dos olhos sem chaga que, de mão estendida á esmola, dormia vergada de miseria.

Daniel olhou-a um momento e ia a levantar-se, quando reparou que a mendiga tinha qualquer coisa na mão. Reparou melhor e viu uma nota de cinco mil reis. Pessôa caridosa tinha ali pôsto aquela esmola e a velha, dormindo, nem déra por isso.

Daniel estremeceu violentamente, sacudido por um pensamento. Esfregou a testa como a querer fugir áquela sinistra maldade.

De repente, deitou a mão á nota e levantou-se a tremer. Quando dobrava a esquina, quasi a correr, ouviu a velha lastimar meia estremunhada:

—Uma esmolinha pelo amor de Deus!

* * *

Em volta um grupo de curiosos alastrava. Daniel ganhava estupidamente, n'um desvario de boa sorte. Em sua frente as «fixas» coloridas, subiam em pilhas vaidosas.

Ela tambem tinha sido atraida por aquela sorte desmedida. Lá estava, perto dele, envolvendo-o nos estranhos olhos verdes. E Daniel ganhava, ganhava, ganhava sempre.

Era já manhã quando se encontrou na rua, as algibeiras a estoirarem de notas.

Subitamente, lembrou-se da velha dos olhos em chaga, a quem tinha roubado o motivo da sua fortuna. Como louco, correu ao banco da Avenida. Não estava ninguem. Olhou em volta. Um policia passeava pachorrentamente. Indagou.

—Sim, uma velha cega! Veio o carro dos voluntarios buscal-a! Parece que estoirou de fome, ahi para um banco d'esses!

Daniel sentiu como que o pezo de uma maldição cahindo sobre ele.

—Morreu?!

—Parece que sim! Tambem—e o policia filosofou—que diabo estava aquilo cá a fazer?

* * *

Quando o rapido do Porto passava junto das cancelas de Entre-muros, o guarda da linha deu um brado horrivel.

N'um barulho infernal de vapores, o comboio parou bruscamente. E então, por entre os gritos aflictivos dos passageiros e as pragas dos empregados do caminho de ferro, tiraram de entre

o rodado da machina, o cadaver de um homem, horrorosamente mutilado.

Na algibeira, encontraram-lhe mais de duzentos contos, em notas do banco.

H. R.

Secção a cargo de José Pedro do Carmo

QUADRO DE HONRA

Zé Branco—Avlis—Os Palmas—Mascote—Zarita—Pedroso, Madeleine & Bayart—Rei do Orco—Artevel—Rei Fera—Néné—Rei Mora—Sentinela & Gomes—Alberto Reis—Animisilef—J. Correia—Castor & Polux.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 19.

Decifrações do numero passado:

Charadas em verso: Pacacidade.
Charadas em frase: Troca tintas—Féretro.

—

CHARADA EM VERSO

Agradeço vezes mil
A prenda que me mandaste,
Do grande e lindo Brazil,
Apenas ali chegasfe.—1

Foi uma bela lembrança,
Que trouxe junto consigo,
A perfeita segurança,
Que estás d'acordo comigo.—1

Á tua dedicação,
Tão boa, tão fraternal,
Toda a minha gratidão,
Pois nunca fui desleal.

PORTO — Zarita

CHARADAS EM FRASE

Quando há revolução, reconhece-se que em qualquer terra da provincia todos andam preocupados, ao passo que em Lisboa, felizmente, há sempro firmesa de animo—2—3.

REI FERA

Todos temos a mania de pregar uma mentira ás creanças, quando elas nos pedem um brinquedo—2—2.

AFRICANO

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Barreira de sombra
(crónicas tauromáquicas)

CAMPO PEQUENO

Ruy da Camara e Nuncio bem. Custodio Domingos feliz. Um 4.º touro bravissimo.

A corrida de domingo passado, organisada na melhor das intenções, com elementos que fatalmente deviam satisfazer, não desagradou no seu conjunto, tendo mesmo havido algumas fases de grande entusiasmo como fosse na lide do 4.º touro, a duo, por D. Ruy da Camara e João Branco Nuncio, em que todo o publico, que quasi encheu a lotação, se levantou, entusiasmado, promovendo a maior das manifestações aos dois distintos lidadores pela forma brilhantissima como farpearam a sua rez.

Os touros da ganaderia do sr. José Filipe Neto Rebelo, das Caldas da Rainha, bem apresentados e de grande corpulencia, á excepção de tres que sairam bravos, comprometeram o seu dono, que teve uma chamada especial á arena no final da lide do melhor touro, o 4.º da corrida.

O espada «Chicuelo», ainda um tanto jovem e já reputado no paiz visinho, como matador de cartel, executou uma bôa «faena» de muleta, mas bastante prejudicada pelo vento, sobresaindo nos quites aos picadores, com o capote, pelo que ouviu grandes e justas ovações. Devido á mansidão dos touros que lhe couberam não pegou em bandarilhas, fazendo-se substituir n'esse trabalho pelos séus dois bandarilheiros, que colocaram apenas um par de ferros cada um.

O 2.º touro para lide á hespanhola, recebeu duas bôas varas e respectivas caídas dos picadores seguido do optimo trabalho de «Chicuelo», tanto de capote como de muleta.

Custodio Domingos colocou dois bons pares de bandarilhas no ultimo touro, bastante aplaudidos.

Manuel dos Santos que dirigiu bem a corrida, foi chamado á arena e felicitado no final da lide do celeberrimo 4.º touro, que ficará bem gravado na memoria de todos os aficionados, por ter sido este o melhor, mais bravo, mais nobre e mais bem farpeado, de todos os touros que ultimamente tem vindo ás nossas arenas; a lide d'este touro valeu a corrida!

ZÉPEDRO

Simão da Veiga (filho)

Este distincto cavaleiro que toureia hoje no Campo Pequeno, segue para Setubal no vapor das 6,30 afim de entrar na corrida nocturna que se realisa para a inauguração da luz electrica n'aquela cidade.

Realisa-se hoje pelas 17,30, uma corrida de 8 touros, em que tomam parte os nossos melhores artistas, com o seguinte

PROGRAMA

1.º touro, farpeado por Simão da Veiga (filho)
2.º » para Sanchez Mejias (a pé)
3.º » » Bandarilheiros
4.º » » Simão da Veiga (filho)
5.º » » Sanchez Mejias (a pé)

INTERVALO

6.º touro, para Sanchez Mejias (a cavalo)
7.º » » Bandarilheiros
8.º » » Bandarilheiros

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

TRISTEZA:—Para a tristeza o melhor remedio que conheço é um pandeiro ou então as cócegas nos sovacos.

JONE:—A pessôa que procura, pouco vagar tem para se preocupar com coisas que a não interessam. Escreva-lhe para ésta redacção dizendo-lhe se a sua loucura é mansa ou furiosa mas tome cautela! Olhe que ele é dos principaes fornecedores do Albergue das Creanças Abandonadas!

EGLÉ:—Não senhor! Acho a sua caligrafia muito antipatica. V. Ex.ª tem a pretensão da originalidade e principia pela caligrafia. Não seria melhor principiar pelas ideias?!

MEFISTOFELES AZUL:—Colombo não era nem Hespanhol nem Italiano. Era maritimo. Antes de descobrir a America, descobriu que os portugueses eram parvos e foi oferecer os seus serviços á Hespanha. O ovo não era de galinha nem de pata. Era de celuloide. Das outras perguntas não trato. Tenho o maior desprezo pela politica e pelos seus apaixonados.

X. P. T. O.:—A menina diz que a *Reliquia* é imoral? Pois não se me dava de apostar em como sabe determinada pagina do *Primo Bazilio* de cór e salteado! A segunda pergunta, se não fossem determinadas razões que nós homens inventamos para o nosso egoismo, dir-lhe-hia que a pequena tem razão. Mas até ahi ainda não chegou a nossa civilisação. Por isso entendo que deve conjugar as duas coisas afastando-as o mais possivel. Comprehende?

MARIA DELOURDES:— Eu lhe digo: Confiança absluta, não deve ter. Tem um temperamento completamente oposto ao de V. Ex.ª E' um tanto ... *saloio* ...

CÉVADO: — Casar, o que se chama casar? Ahi por volta dos 50, quando precisar de quem lhe trate da gota.

PROF. HAITY

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 20

Por E. J. Winter Wood
Pretas (4)

Brancas (11)

As brancas jogam e dão mate em três lances.

—

Solução do Problema n.º 17

1 $\frac{\text{D 2 B R}}{\text{R. 4 D}}$ 2 $\frac{\text{D 4 T R}}{\text{R 3 D}}$ 3 $\frac{\text{D 8 D}}{\text{mate}}$

1 $\frac{}{\text{R x C}}$ 2 $\frac{\text{C 6 B D}}{\text{R}}$ 3 $\frac{\text{D}}{\text{mate}}$

Solução do Problema n.º 18

1 D. 5. T. D.

Resolveram o Problema n.º 17 os Snrs. Dr. Damas Mór e Mota Ribeiro, e o Problema n.º 18 os Snrs. Mota Ribeiro (Porto), Pereira da Silva, capitão Elias Garcia (Faro) Grupo de Amadores de Xadrês de Rio de Moinho, (Abrantes) e Soeiro da Silveira.

(CONTINUAÇÃO)

Proporção, pureza dos mates obtidos. (Uma posição de mate é pura quando cada casa que rodeia o Rei em mate não é atacada senão por uma só força.)

Belesa, elegancia por meio de lances imprevistos e combinações inesperadas, sacrificios, variedade

---

Folhetim do «Domingo Ilustrado» — N.º 1

CAPITULO I

MENINA E MOÇA

CHAMO-ME Manuela d'Ataide, mas o meu verdadeiro nome é Rita da Purificação. Todos julgam que tenho vinte e oito anos, mas contando os que vão desde a data do meu nascimento até ao presente ano (1925), a minha certidão d'edade acusa um saldo, a meu favor, de cincoenta e dois anos.

Os motivos que me levaram a escrever as minhas memorias não são, muitos e variados. De entre eles destacarei os seguintes, que julgo suficientes para elucidamento do leitor:

1.º, O facto de haver uma minha colega chamada Mercedes Blasco, que já escreveu treze volumes para de si. Tendo eu, como tenho, muito mais talento do que a Mercedes, mal me ficava não escrever pelo menos um, a falar de mim.

2.º, O facto de se anunciar que a minha colega Lucinda Simões tem tambem um livro em preparação. Como, naturalmente, essa minha colega escreve o livro para poder dizer mal de mim e dos outros, eu quero andar adeantada escrevendo tambem as minhas «Memorias».

3.º, Para desta forma mostrar, a alguns colégas que sei lêr e escrever, ao contrario do que se afirma entre bastidores.

E' certo que durante muito tempo fingi que lia os papeis, quando é verdade que era a minha costureira que á noite m'os metia no ouvido, mas um belo dia, falei com o Alves Coelho, que tem uma orquestra de instrução primaria na rua do Amparo, e convenci-o a ensinar-me a ler e a escrever por musica, o que foi fácil, pois toda a gente sabe que tenho bom ouvido. E agora que ficam expostas as razões das minhas «Memorias» entro propriamente no assunto.

As minhas recordações de infancia remontam a quando eu tinha cinco anos e morava na Bica do Sapato. Minha mãe, que era ajuntadeira, vivia ajuntada com um sapateiro, que não era meu pae por eu ser filha dum outro homem.

Segundo ouvi contar a minha mãe, eu era o fruto de uns amores clandestinos que minha mãe praticara durante o periodo em que viveu com o seu decimo primeiro marido.

Lembra-me perfeitamente, que este sapateiro que vivia com minha mãe era, além de sapateiro, figurante no teatro de D. Maria e que de uma vez me levou a ver o espetaculo do urdimento.

Ora em minha casa, não reinava a abundancia. Meu padrasto, que gostava de vinho como eu gosto das palmas da «claque», raro arranjava um par de botas para concertar e, lembro-me, que muitos atores do teatro de D. Maria, lhe mandavam arranjar o calçado, mas nunca lhe pagavam.

Minha mãe, além de ajuntadeira tambem deitava cartas, e muitas vezes vi uma grande atriz lá em nossa casa, a perguntar á minha mãe se a *espadilha pela porta da rua* dava *dinheiros grandes* com *cazamento* ou *tumba voltada para corpo e pensamento por tempos.*

Como a abundancia não abundava, minha mãe á tardinha, comprava uma porção de tremoço, metia-o num alguidar e pondo-mo á cabeça, mandava-me á venda e eu aí ia por essas ruas, apregoando tremoço saloio com esta voz que hoje é a admiração do sr. Galhardo e da senhora Dona Fernanda Corte Real.

Fui crescendo e á medida que crescia, aumentava o alguidar que, quando eu já tinha quatorze anos, se havia transformado numa giga de hortaliça.

A minha voz, que dia a dia era melhor timbrada, aumentava a olhos vistos e era um verdadeiro encanto, ouvir o sentimento com que eu apregoava as azeitonas e os molhos de nabos.

Quando fiz dezeseis anos, o sapateiro que vivia com minha mãe morreu de uma explosão alcoolica e minha mãe viu-se na dura necessidade de ir pedir esmola, facto que envejo com saudade, pois se isso hoje acontecesse, pedia ao meu colega Tristão para a meter na Casa Gil Vicente.

(Continua)

pagina feminina

Carta de Paris

A LINHA ACTUAL E OS TECIDOS NOVOS

A cada mudança de estação, todas as mulheres, sem excepção, esperam, espiam a revolução esperada na moda, que modificaria as linhas da figura até então familiar. Mas parece que a mulher atingiu já aquele grau de perfeição ha tanto tempo esperado e que é o unico capaz de fazer valer a sua beleza e as suas lindas linhas.

A moda viverá ainda este verão, excetuados pequenos detalhes, dos seus sucessores da ultima estação.

A's mulheres que, anciosas, fizessem esta terrivel pergunta: «—A moda mudou?», que responder? Sim e não! Resposta esta que não é tão duvidosa como parece, porque emfim, se, nas suas linhas geraes, a moda permaneceu a mesma, teimosa em conservar uma «silhouette» que parece ser d'um conjuncto perfeito, nos detalhes, pelo contrario, a diversidade é grande e ahi, como sempre, a palavra «moda» é synonimo de transformação.

Os tecidos, sobretudo, que nos vêm do extrangeiro, e as imitações nacionaes, são muito novos. N'este dominio, a mulher faceira, cuidadosa da sua elegancia, tem muito onde escolher. O campo é vasto.

Os primeiros vestidos da estação aparecem-nos cortados em tecidos de lã encantadores e d'uma grande diversidade.

Isto não é, decerto, uma grande novidade para as leitoras. Mas não será demais recordar o que ha de interessante nos desenhos desse tecido moderno, conhecido pelo nome de «kasha», que se tem prestado a tão belas creações.

Empregado inteiramente ou, o que é melhor misturado e combinado com um tecido liso correspondente, o «kasha» formou a base de todos os figurinos. E agora têm surgido novidades deliciosas nesse tecido, cheios de fantasia e bom gosto. Entre eles notamos especialmente o «kashafyl», o «djersakasha», o «kasha» «carrécia»; depois uma encantadora creação: os ornatos chinezes sobre «kasha».

O «burofyl» partilha n'esta primavera, os favores da moda com o «kasha», na confecção dos vestidos-casacos primaveris.

Para os dias quentes, o crêpolga nos vestidos leves, o crêpe «popbalga», de tão belo aspecto e de que os grandes costureiros parisienses se servem muito n'esta estação, o «poplakasa», servirão de tema a numerosos conjunctos. Mistura-se muito o preto e o azul marinho ao beige claro.

Para acompanhar estes conjuntos duma grande simplicidade, o chapeu pequeno será ainda bemvindo, esperando que a estação estival nos oriente para as grandes «capelines».

Toda a elegancia duma pequena fôrma consiste na sua ornamentação e as grandes modistas parisienses continuam a empregar muito a fita.

As flôres em fita estão muito em voga nas fôrmas primaveris, e encontral-as-hemos ainda este verão nos chapeus grandes.

SOMBRINHAS MODERNAS

As mulheres praticas, que nós somos, consideram hoje a sobrinha como um objecto maçador, que se dispensa por pouco que um chapeu de abas deitadas para baixo encha o rosto de sombra. Mas sucede que nós usamos agora precisamente fôrmas levantadas para á frente Voltaremos á sombrinha? Talvez, porque os modelos que nos oferecem esta estação são, na verdade, tão pouco embaraçantes quanto possivel. 45 centimetros de altura, é tudo quanto medem as actuaes sombrinhas.

Mandam-se cobrir a dizer com a «toilette». São mesmo em crêpe Georgette forrada no tom da guarnição, em «faille», em crêpe da China, em palha, em seda estampada. Certos modelos reproduzem exactamente a pequena sombrinha segundo Imperio, de cabo articulado, que permite inclinar este minusculo guarda-sol de maneira mais protectora. Ultima novidade: a argola que suspende do braço a sombrinha quando fechada, encontra-se fixada na ponta do cabo e não em baixo. O objecto assim suspenso parece mais um saco comprido e estreito.

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

Ha dias, em Nek-York, um homem cortou a si proprio o pescoço porque não havia maneira de receber uma carta de que dependia o seu futuro. E, no emtanto, havia muitos dias que a tal carta chegara, mas jazia deitada no fundo da caixa das cartas e o infeliz não a vira.

A quem escreve estas linhas, ha anos, em Paris, sucedeu uma noite, perder-se, não atinando com o caminho do hotel. Depois de mil tentativas, esteve para ser roubada e, porventura assassinada por apaches, se uma providencial carruagem não surge e se mete—n'ela, dando ao cocheiro o endereço do hotel. O carro deu poucas rodadas, voltou a esquina e dahi a momentos encontrava-se, com maximo espanto no seu quarto!

O escritor Mark Twain conta que se perdeu nas neves, uma noite, quando fazia uma estada no leste americano, e que depois de haver por muito tempo vagueado, deitou-se no chão, esdotado, e esperando a morte. Adormeceu e, ao desperter, ao romper da manhã, viu o seu hotel a cincoenta metros.

E' infinitamente pathetico pensar que a humanidade sofre porque supõe muito longe de si, inacessiveis, a alegria e a paz ardentemente desejados, quando elas estão proximas e não os enxergamos. A humanidade sonha com uma vida de ventura, oculta nas nevoas do futuro; cansava a tradição dum Paraizo, que existia no passado longinquo. O homem religioso espera ser feliz «do outro lado do Jordão», isto é depois da morte. E, todavia. o maior dos Mestres disse: «—O Reino de Deus está no seio de vós!»

Desde Socrates a Carlyle, os maiores sabios demonstraram uma coisa: é que a felicidade está aqui, em nós, e que ha um logar onde ela não existe, é fóra de nós.

CABELOS BRANCOS

Apesar de tudo quanto se tem dito e escrito contra o uso de pintar os cabelos brancos, a verdade é que imensa gente os pinta e disfarça. E' que os cabelos brancos, sobretudo quando vêm ainda em plena mocidade, são coisa muito desagradavel pois dá á creatura um aspecto velho e fraco que é verdadeiramente pouco interessante.

Ha, porém variadas formas de fazer essa pintura: A creatura que, d'um dia para o outro, transforma os brancos em reluzentes cabelos pretos, dá necessariamente na vista e o seu acto presta-se a dichotes e comentarios. Se, porém, ao começarem a aparecer-lhe as brancas, as fôr «corrigindo» com um preparado especial que seja mais uma especie de revigorisador do que uma tintura, ninguem dará por isso e até para os seus amigos mais intimos continuará tendo a sua bela cabeleira da juventude. E' o que pode conseguir perfeitamente, empregando a «Juvenia», preparado que vem dando as suas provas ha cerca de 15 anos com satisfação geral. E não só evita e transforma os cabelos brancos, como é um tonico magnifico para o couro cabeludo. E' fabricadó pela «Perfumaria da Moda», da rua do Carmo, 5 e 7, e vende-se em todo o paiz.

CELIMÉNE

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 19

	Brancas	Pretas
1	16—19	1—24
2	11—15	24—1
3	7—10	1—15—4
4	12—16	20—11
5	3—8	11—7
6	2—11	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 20

Pretas 1 D e 1 p.

Brancas 2 D e 1 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 18 os srs. Abrantes e Silva, Antonio Néné Junior Armando de Campos, Artur Santos, Eugenio Leal, José Brandão, José Magno (Algés), Raul Machado, e Sueiro da Silveira.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Inimigos da mulher:—Majestoso film de Goldwin, digno do romance genial do genial Vicente Blasco Ibañez. A reconstituição da «guerra europeia» teme muito goste, é notável pela orginalidade e pelo verismo. O aspecto geral do film é bom, ameno como as paginas do principe dos novelistas contemporaneos. Interpretação superior de Lionel Barrymore, Alme Rubiens, Pedro Cordoba e outros. Explendor e riqueza de enscenação.

Lucrécia Borgia: Belo film como tudo que sai das mãos de Richard Oswald o «az» dos enscenadores tudescos. Reconstituição de rigor, efeitos de «atelier» superiores e um «cast» de interpretes insuperável. Liane Haid, formosissima e Conrad Veidt, genial no Cesar Borgia.

Rixas d'aldeia:—Conto de Brest Hart levado ao écran com limpeza e honestidade. Russell Simpson é sempre bom.

Lapis vermelho:—A tradução como todas do «Central», é má. O titulo é *O lapiz de vermelhão*, que significa mais. Senue Hayakawa, tem momentos felizes, mas só momentos. Tecnica mediana, film mediano.

A teia da aranha:—Film pelos animais de L. Starevitch. Mais uma afirmação do poderoso e original talento do conhecido artista russo. Um film digno de ver-se.

No Olimpia, um film de Richad Talmadge que nem parece d'ele,

ÉCRAN

Actualidades gráficas

CINEMAS

CHARLIE CHAPLIN (CHARLOT), o genio da cinematografia, ha muito tempo afastado dos nossos écrans e cujas ultimas grandes producções fôram adquiridas por J. Castelo Lopes — Lisboa.

EDUARDO BRAZÃO

Eduardo Brazão, o maior actor português do ultimo meio seculo, o ultimo grande actor romantico do mundo — morreu. Não teve a acompanha-lo á sua ultima morada, uma vigésima parte dos individuos que se dizem actores em Portugal. O funeral modestissimo que a nossa gravura representa e que é o cortejo derradeiro da maior gloria da scena portuguesa contemporânea e de uma das

UM GRANDE MORTO

maiores de todos os tempos — é uma vergonha para os actores portugueses.

Dir-se-ia que ia a enterrar um modesto operario do urdimento dos palcos — e enterrou-se com ele o« maior de todos». «O Domingo Ilustrado», representado pelo nosso director, grande amigo do artista falecido, velou o cadaver em casa e na Egreja do Coração de Jesus.

(Cliché V. Ribeiro)

CARLOS LEAL, actor popular muito aplaudido que tem feito uma brilhante temporada no Maria Victoria e que faz por estes dias a sua festa neste teatro.

CINEMA

CONRADT VEIDT, o mais celebre dos artistas tudescos, considerado o primeiro «cinico» do cinema, na sua creação de Cesar Bórgia em LUCRÉCIA BÓRGIA, sucesso do Cinema Condes.

ACTUALIDADES NA LITERATURA

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, o ilustre dramaturgo, venerando presidente da assembléa geral da nova Sociedade de escritores e compositores teatrais.

O SR. VISCONDE DO AMEAL, um dos primeiros escriptores da geração moderna e espirito cultissimo, que acaba de lançar um livro do maior exito: «Claridade».

SILVA TAVARES, o brilhante poeta que acaba de lançar dois livros de versos destinados decerto ao sucesso das suas obras anteriores: «Consumatum est» e «Aguas passadas».

PUBLICIDADE

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

UM GRANDE "AZ" DO HISPISMO PORTUGUEZ
LUIZ MARGARIDE

Estão em fóco os cavaleiros portuguezes! A velha arte tradicional, que tanto garbo e tanta gentileza deu á nossa Raça, tem obtido recentes e sucessivos triunfos. Alguns rapazes surgem elevando-a ao mais alto gráu e entre eles Luiz Margaride, campeão no Concurso Hipico, merece o nosso incentivo e aplauso.